

A História da Arte Como Uma História das Profecias: História e Historiografia da Arte, Problemas Atuais e Horizontes para o Futuro

Jefferson de Albuquerque Mendes¹

A perspectiva global criou inúmeros desafios para a recepção de novas epistemologias histórico-artísticas, mas também tornou a navegação por esses horizontes expandidos muito mais complexa. A discussão destaca as oportunidades e os desafios dentro do discurso da arte global, abrindo caminho para uma exploração mais profunda dos debates entre os ecossistemas de arte locais e o crescente mercado global de arte. Essa dinâmica pode enriquecer o diálogo contínuo sobre a intrincada relação entre a noção de globalidade e o próprio envolvimento da História da Arte e da Historiografia da Arte como categorias heurísticas a partir dos seus compromissos históricos.

Este dossiê tem como finalidade reunir contribuições que abordem as variadas questões da pesquisa em História da Arte e Historiografia da Arte, com ênfase no Sul Global e nas novas epistemologias e novas formas investigativas. Em um contexto em que se destacam debates sobre as condições que possibilitam o surgimento e a consolidação desses campos de estudos dentro de um paradigma disciplinar dominante, intensifica-se a necessidade de explorar outras perspectivas e modos de experienciar e relatar as histórias que foram relegadas ao esquecimento por seu potencial transformador. Dessa forma, entendemos que a estabilização disciplinar do campo de investigação em História da Arte e Historiografia da Arte convive com o surgimento de novas formas de compreensão da historicidade, não restritas a moldes convencionais, o que impulsiona a renovação de nossas práticas de investigação.

Não obstante, chamar ao centro do debate a clássica frase de Walter Benjamin “A história da arte é uma história das profecias”, nos leva a pensar que a arte não é apenas um reflexo do passado, mas uma forma de prever, antecipar e transformar o futuro, permitindo que a sociedade se aproprie dela, desenvolvendo um pensamento crítico e emancipatório, onde cada época lê a arte sob a luz de

¹ Departamento de Teoria e História da Arte e Programa de Pós-Graduação em História da Arte (PPGHA-UERJ). E-mail: mendesajefferson@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4075-8882>.

suas próprias urgências e possibilidades. Segundo Benjamin:

A história da arte é uma história de profecias. Ela só pode ser descrita a partir da perspectiva do presente imediato e concreto; pois cada época possui uma nova, porém intransmissível, possibilidade própria de interpretar as profecias que a arte de épocas anteriores continha, dirigidas a ela. Não há tarefa mais importante para a história da arte do que decifrar as profecias, aquilo que – nas grandes obras do passado – lhes conferia valor no momento de sua composição. Que futuro? Na verdade, nem sempre um futuro imediato, e nunca um completamente determinado. Não há nada mais sujeito à transformação na obra de arte do que esse espaço obscuro do futuro que fermenta dentro dela (Tradução nossa) (Benjamin, 1991, p. 180).

Cada época “lê” a história da arte de um ponto de vista único, capturando a arte não como um passado fixo, mas como um “agora” cheio de potencial, um “instante” que contém o futuro. Para Benjamin, a história da arte é profética porque, ao ser massivamente reproduzida e reinterpretada, ela revela continuamente novas possibilidades para a sociedade, transformando-se de um objeto de culto em um instrumento de mudança e reflexão crítica sobre o presente e o futuro. “Existe um conceito de presente segundo o qual este representa o objeto (intencional) de uma profecia. Esse conceito é o (complemento) correlato de uma história que se manifesta de forma fulminante.” (Benjamin, 2012, p. 181)

Aby Warburg e Walter Benjamin observaram essa dupla temporalidade, cada um com seu próprio vocabulário. A imagem está no centro nevrálgico da vida histórica, mas não se situa na história como um ponto numa linha. Ela funciona como uma montagem, um enigma, sobredeterminada e complexa. A história da arte só pode ser descrita a partir da perspectiva do presente. Mas cada época interpreta, em seu próprio benefício, as profecias contidas na arte das épocas anteriores. Nas grandes obras do passado, existem profecias. A tarefa mais importante da história da arte é decifrá-las. O futuro da arte de qualquer época não está predeterminado. É um espaço obscuro que se fermenta dentro da obra de arte. Nada está mais sujeito à transformação do que esse futuro latente.

Dessa forma, os artigos aqui reunidos tentam, cada um a sua maneira, contribuir para os problemas atuais da História e da Historiografia da Arte iluminando, de fato, os horizontes possíveis a serem delineados para a arte e para a escrita da história da arte. Cada artigo enxerga a arte como agência entre passado

e futuro e potencial presentificado, como a capacidade da arte de revelar o que ainda não é, de apontar para novas formas de ver e viver, tornando-se um veículo para o pensamento crítico.

No artigo de **Ana Magalhães**, a autora analisa a prática da *connoisseurship* a partir da trajetória de Bernard Berenson e de sua recepção no contexto sul-americano, com ênfase no Brasil. Investiga redes de sociabilidade, circulação de escritos e a proveniência de obras ligadas a acervos como o do MASP para reconstruir a influência de Berenson na formação de coleções de arte europeia. O estudo evidencia o papel de intermediários, críticos e marchands na consolidação desses acervos no pós-guerra. Discute-se também a sobrevivência da *connoisseurship* ao longo do século XX, apesar das críticas historiográficas. Por fim, o texto destaca a relação paradoxal entre o julgamento subjetivo do especialista e o avanço das análises técnico-científicas.

O artigo de **Antonio Maia** discute a noção de tradição nacional como um dispositivo colonial que atua na construção de narrativas sobre arte e identidade no Brasil. O autor analisa como essas tradições foram formuladas a partir de referenciais eurocêntricos, legitimando hierarquias culturais e apagando outras matrizes históricas. O texto evidencia o papel das instituições, da historiografia da arte e dos discursos críticos na naturalização desse modelo. Ao mesmo tempo, problematiza os usos políticos da ideia de “nacional” na consolidação de cânones artísticos. A análise propõe uma leitura crítica que articula colonialidade, poder e produção simbólica.

Jaqueline Veloso reconstitui a história de um relevo do século II d.C. encontrado na Via della Foce, em Óstia, interpretado como uma placa publicitária de um comércio. O foco da análise recai sobre a figura feminina central, que atua como vendedora e rompe com convenções iconográficas e literárias romanas sobre o papel da mulher. A autora discute o contraste entre a subordinação jurídica feminina no Direito Romano e a agência visual atribuída à mulher na cena representada. A composição destaca o trabalho feminino em um espaço público e comercial, deslocando a mulher do âmbito doméstico tradicional. A partir da história das mulheres, o estudo problematiza invisibilidades e generalizações nas fontes clássicas. Assim, o relevo é interpretado como indício da participação ativa e cotidiana das mulheres no mundo do trabalho romano.

Bianca Manzon analisa as relações entre arte, política e construção de identidades a partir de práticas artísticas contemporâneas, destacando como

imagens e discursos visuais operam na produção de sentidos sociais, através da inauguração do “O Grande Museu Egípcio (GME)”. A autora investiga os modos pelos quais a arte dialoga com memórias coletivas, conflitos históricos e disputas de poder. O texto evidencia a centralidade do corpo, da experiência e da materialidade como elementos críticos dessas produções. Discute-se também o papel das instituições e do circuito artístico na legitimação dessas obras, como objeto de estudo o interesse egípcio pelo retorno da Estátua de Ramsés II Sentado, atualmente exposta no Museu Egípcio de Turim. A análise enfatiza tensões entre visibilidade, representação e silenciamento.

Por sua vez, **Jaqueline Sampaio** analisa a construção histórica da categoria “artistas mulheres” como resultado de práticas sociais, institucionais e discursivas que atravessam a historiografia da arte. A autora demonstra como, entre os séculos XVI e XIX, a regulamentação da identidade feminina limitou o acesso das mulheres à formação artística e ao reconhecimento profissional. Em diálogo com a historiografia feminista e os debates teóricos das décadas de 1960 a 1990, o texto problematiza a associação entre genialidade, arte e masculinidade. Discute-se o papel do feminismo e do conceito de gênero na crítica às narrativas tradicionais da História da Arte. A categoria “artistas mulheres” é apresentada como instável, marcada por conflitos históricos e políticos.

O texto de **Rafael Geremias** apresenta as Reformas Protestantes a partir da perspectiva da história da arte, tomando o pensamento de Aby Warburg e o conceito de *Nachleben der Antike* como eixo teórico. Investiga-se como imagens e modelos da Antiguidade sobreviveram e se transformaram no contexto reformado, especialmente na relação entre palavra e imagem. A obra *Lei e Graça*, de Lucas Cranach, é comparada à ilustração pietista *O Caminho Largo e Estreito*, de Charlotte Reihlen, evidenciando estratégias visuais de cunho doutrinário. O artigo dialoga com cânones como Gombrich, Alpers e Belting para compreender a política iconoclasta protestante. Demonstra-se como a subordinação da imagem ao texto moldou uma cultura visual específica. Por fim, aponta-se a permanência desses modelos na cultura visual evangélica contemporânea.

Já os autores **Reginaldo Rocha Leite** e **Marcos Vinícius Lages da Silva** propõem compreender a história da arte como história do *pathos*, analisando os mosaicos parietais de Giandomenico Facchina realizados para o Theatro Municipal do Rio de Janeiro no início do século XX. A partir de libretos de ópera e textos teatrais, o estudo evidencia como o mosaicista italiano utiliza repertórios gestuais

e códigos visuais tradicionais para expressar emoções e narrativas dramáticas. Destaca-se a importância do método indireto, inovação técnica criada por Facchina, que contribuiu para a modernização da arte musiva. O texto dialoga com os pressupostos teóricos de Georges Didi-Huberman, ao enfatizar a exteriorização das emoções como eixo interpretativo das imagens. Por meio de análises de obras como *Cyrano de Bergerac*, *Siegfried*, *Electra* e *Il Guarany*, demonstra-se a articulação entre forma, função e pathos. Por fim, o artigo ressalta a carência de pesquisas sobre a arte musiva no Brasil e defende a ampliação dos estudos sobre linguagens artísticas pouco exploradas na historiografia nacional.

O texto dos autores **Rodrigo Lopes** e **Val Souza** analisam criticamente a representação do corpo feminino negro na história da arte a partir de três obras-chave. Articulando os marcadores sociais da diferença, raça, classe e gênero, o ensaio questiona os silêncios e apagamentos produzidos pela historiografia tradicional. A presença de mulheres negras, frequentemente relegadas a papéis secundários ou simbólicos, é reinterpretada como espaço de agência, ambiguidade e resistência. O texto dialoga com autoras como Saidiya Hartman, Anne Lafont e bell hooks para pensar a história da arte como um arquivo atravessado por relações de poder. Ao deslocar o foco da intenção do artista para a vida das imagens e de suas modelos, propõe novas leituras das figuras de Laure, Madeleine e Vênus. Por fim, defende uma revisão crítica do cânone artístico, capaz de incorporar narrativas visuais negras para além da violência e da objetificação.

O artigo de **Nina Ingrid Paschoal** discute o conceito de Orientalismo, revisando sua origem teórica, especialmente a partir de Edward Said, e suas posteriores revisões críticas, com foco nas artes visuais. A autora analisa como pinturas, gravuras e fotografias contribuíram para a construção de imagens estereotipadas do Oriente, articuladas a projetos coloniais europeus dos séculos XVIII e XIX. O texto destaca que o Orientalismo não constitui um movimento artístico unificado, mas um repertório temático e discursivo presente em diferentes estilos e suportes. Em seguida, investiga adaptações do conceito fora do eixo europeu, com ênfase no caso brasileiro. A produção orientalista no Brasil é relacionada ao contexto do Segundo Reinado, ao mecenato de D. Pedro II e ao diálogo com o Indianismo. Por fim, o artigo defende o uso crítico e contextualizado do Orientalismo como ferramenta analítica para compreender relações de poder, alteridade e circulação de imagens na história da arte.

Natália Gomes discute os intercâmbios artísticos entre Brasil e Portugal

nas primeiras décadas do século XX a partir das trajetórias de Mário Navarro da Costa e Rodolfo Pinto do Couto. O estudo destaca como os deslocamentos, as redes de sociabilidade e as experiências transnacionais desses artistas contribuíram para a renovação das linguagens visuais. Ao articular práticas artísticas, atuação institucional e escrita crítica, evidencia-se o papel dos artistas como mediadores culturais. A pesquisa enfatiza a construção de uma identidade luso-brasileira marcada pela circulação de ideias e pela negociação de pertencimentos. Também discute a importância dos contextos históricos e das relações intelectuais no fortalecimento desse diálogo atlântico.

Por fim, o texto de **Luciana Giovannini** analisa práticas artísticas de resistência produzidas em contextos de repressão, tomando como eixo o conceito de “atos clandestinos” enquanto estratégias simbólicas e políticas. O artigo analisa os procedimentos adotados pelas comunidades africanas e afrodescendentes envolvidas na experiência da escravidão para angariar os recursos necessários à contratação dos artífices responsáveis pelos programas decorativos, as escolhas temáticas e as apropriações e interpretações dos cânones iconográficos europeus de Nossa Senhora do Rosário. A partir de exemplos ligados a regimes autoritários, o artigo discute como artistas recorreram a gestos sutis, linguagens codificadas e ações efêmeras para driblar a censura. Essas práticas são compreendidas não apenas como oposição direta, mas como formas de sobrevivência e afirmação ética. O estudo articula arte, memória e política, destacando o papel do corpo, do espaço urbano e da circulação restrita das obras. Ao enfatizar o caráter cotidiano e muitas vezes invisível dessas ações, o texto amplia a noção de resistência artística.

Finalmente, faço alguns agradecimentos. Primeiramente, agradeço ao professor Cássio da Silva Fernandes pelo convite para organizar este dossiê, na época em que era editor-chefe da revista.

Agradeço às professoras Marina Soler Jorge e Elaine Dias, atuais editoras da revista, pela ajuda no processo de confecção do dossiê.

Por fim, caras leitoras e caros leitores, desejo uma boa leitura.

Referências

Benjamin, W. (1936). Parlipomènes et variantes de L'Œuvre d'art à l'époque de sa reproduction mécanisée. In *Écrits français* (p. 180). Gallimard.

Benjamin, W. (2012). *O anjo da história* (J. Barrento, Org. e Trad.). Autêntica Editora.

Warburg, A. (2013). *A renovação da antiguidade pagã: Contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu*. Contraponto Editora.